



Balcão de Histórias

relatos de comerciantes sobre a história do Mercado de Ribeirão Preto

Coleção Identidades Culturais

ADILSON BAPTISTA

VIVIANE PIRONELLI

Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto - 2010

Balcão de Histórias

relatos de comerciantes sobre a história do Mercado de Ribeirão Preto

Prefeita Municipal
Dárcy Vera

Secretária da Cultura
Adriana Silva

Presidente da Fundação Instituto do Livro
Edwaldo Arantes

Diretora de Patrimônio Cultural
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Conselho Editorial
Adriana Silva
Cristiane Framartino Bezerra
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Michelle Cartolano de Castro Silva
Tânia Cristina Registro

Revisão
Cristiane Framartino Bezerra

I195b - Balcão de Histórias- relatos de comerciantes sobre a história do
Mercadão de Ribeirão Preto /Adilson Baptista & Viviane Pironelli
(pesquisa e texto) – Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.
74 pg.; (Coleção Identidades Culturais, n.4)
ISBN

1. História de Ribeirão Preto – 2. Mercadão - 3. Comércio
CDD: 981.612 rpb

Capa - Mercado Municipal. Inaugurado em 1900 e destruído por um incêndio em 1942. Data: 1910. Fotógrafo: não identificado. APHRP

Fotos coloridas - Grupo Amigos da Fotografia

Sobre os pesquisadores

ADILSON BAPTISTA

Jornalista, formado em 2006 pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Foi editor de jornais e revistas em Ribeirão Preto e Bonfim Paulista, produziu quadros culturais em programas de televisão. Como empresário em Comunicação, atua na área de produções audiovisuais e gráficas, além de assessoria de imprensa, jornalismo institucional e eventos.

VIVIANE PIRONELLI

Neta de italianos, nasceu em Ribeirão Preto. É jornalista graduada pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Atualmente é assessora de imprensa da Casa do Contabilista e editora da revista Enfoque. Também é cronista.

Foto: Adilson Baptista - evento de comemoração dos 110 anos do Mercado, 28/10/2010.



Apresentação

A Coleção Identidades Culturais conclui seu primeiro ano com as quatro edições programadas – a primeira, sobre o carnaval de Ribeirão Preto a segunda, com foco na edificação industrial, em especial a antiga fábrica de tecidos Matarazzo/Cianê, a terceira, sobre a imigração italiana e a influência na formação cultural da cidade e a quarta com referência aos 110 anos do Mercado, Patrimônio edificado reconhecido de valor histórico, que apresenta importantes características enquanto bem imaterial.

A diversidade de linguagem e fonte de conhecimento também é expressiva. Escreveram para esta coleção, um advogado e agente cultural, um arquiteto, uma historiadora e na quarta edição, dois jornalistas. Pesquisadores motivados por seus cotidianos, que contribuíram para a compreensão de fatos e períodos históricos relacionados a Ribeirão Preto.

Em especial, esta quarta edição se propõe a reconhecer o universo do Mercado a partir do recurso da memória oral. Vários depoimentos colhidos a partir de 2006 deram forma e contorno ao texto final, que recebeu estilo próprio e até poético dos autores. São histórias que, ao serem reproduzidas revelam, ainda que de maneira fragmentada, os saberes e fazeres de pessoas que ao longo dos últimos 110 anos participaram da história do Mercado.

A Coleção Identidades Culturais surgiu para permitir a divulgação dos conhecimentos adquiridos pela Rede de Cooperação, criada especialmente para elaborar o Inventário de Referências Culturais de Ribeirão Preto. No primeiro relatório do Inventário os pesquisadores que compõem a Rede apresentaram como uma das diretrizes o pedido de reconhecimento do Mercado como bem imaterial.

Este livro reforça o pedido da Rede, documenta a rotina cultural do lugar, evidencia os costumes do Mercado e coloca o tema de debate.

Adriana Silva
Secretária da Cultura



Foto: Jardim da Estação na Av. Jerônimo Gonçalves. Vista do centro da cidade (mercado, catedral, etc.) a partir do pátio da estação, entre as ruas General Osório e São Sebastião. Jardim da Estação na Av. Jerônimo Gonçalves. Vista a partir do pátio da estação, entre as ruas General Osório e São Sebastião. Vista de parte do centro da cidade, prédios: catedral (sem torre), mercado municipal, prédio do Antigo Banco Construtor e Beneficência Portuguesa. Data: 1910. Fotógrafo: Flósculo de Magalhães. Coleção: José Pedro Miranda.



Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 - Perfil Histórico	13
Capítulo 2 - A Família Ventrice e a Chapelaria Peana	28
Capítulo 3 - O Restaurante do Lula	33
Capítulo 4 - A Família Santos e o Restaurante do Cláudio	38
Capítulo 5 - A Pastelaria da Família Rios	44
Capítulo 6 - A Família Massaro	48
Capítulo 7 - A Família Oliveira	56
Capítulo 8 - De volta ao Mercado	61
Capítulo 9 - O Mercado quando se era criança	65
Capítulo 10 - Considerações finais	69

Introdução

O ano era 1900. Uma inauguração festiva, população reunida, discursos, festa. Começava a história do Mercado Municipal de Ribeirão Preto, prédio imponente construído para abrigar o comércio que já atendia uma vasta região, formada por grandes fazendas e pequenos povoados.

Essa história centenária, registrada em documentos oficiais, de imprensa e em fotografias, teve um divisor de águas: um grande incêndio no ano de 1942. Depois, a necessidade da reconstrução faria parte de inflamados discursos de candidatos a cargos públicos, com promessas que só foram cumpridas dezesseis anos mais tarde.

Ao abraçarmos o projeto desse livro, nós, autores, buscamos em diversos arquivos o que havia de relevante na trajetória do Mercado de Ribeirão Preto. Documentos do Arquivo Público e Histórico, trabalhos Acadêmicos, livros, arquivos da Imprensa Oficial do Município e meios eletrônicos. Encontrou-se pouco. Pontos isolados de um tempo tão longo: além da primeira construção e do incêndio em 1942, encontramos apenas três outros pontos registrados oficialmente na história do prédio: a reconstrução em 1958, o reconhecimento de valor histórico em 1993, a reforma em 2002 e, concluímos, que o que mais enriqueceria o projeto, seria a utilização do recurso de memória oral.

Era preciso saber mais. Tínhamos essa preocupação por não considerarmos o Mercado como um monumento edificado, como uma estátua comemorativa, mas um local onde se borbulha a vida humana, com seus risos e lágrimas, lucros e prejuízos, um lugar de onde se jorra uma inesgotável fonte de histórias particulares.

Juntas, elas tecem um mosaico humano capaz de fazer o Mercado respirar e atravessar mais de cem anos sem desaparecer, mesmo em meio a tragédias, decisões políticas, desastres naturais, crises econômicas, guerra mundial, mudanças no panorama social e mercadológico, e tantos outros motivos que poderiam ter colocado um ponto final na história que hoje apresentamos.

Mas, não. O Mercado continua firme, imponente, respirando vida e abrigando novas histórias. Algumas delas estão aqui. De alguns dos comerciantes que lá se estabeleceram há mais de 30 anos, e que entenderam a proposta deste trabalho: a de preencher as lacunas entre os pontos já citados, com suas vivências.

Além destes, três convidados especiais fazem parte deste universo de pesquisa: Valdemar Farinha, que trabalhou no Mercado em sua primeira construção, José Casemiro dos Santos, ex-gerente da Acomecerp (Associação dos Comerciantes do Mercado Municipal de Ribeirão Preto) e José Roberto Cunha, atual gerente administrativo da Associação.

Portanto, Balcão de Histórias é um retrato falado dos múltiplos ângulos de uma mesma história. Vivências transmitidas de geração a geração. Um conjunto de relatos que tem um forte elemento, encontrado em todos os depoimentos e que interliga de forma singular as histórias apresentadas: a tradição das famílias.

Recontar uma história baseando-se em lembranças particulares foi um grande desafio. As entrevistas levaram a uma verdadeira teia social, e considerando as lacunas deixadas entre construção, incêndio, reconstrução, reconhecimento histórico e reforma do Mercado, temos a certeza de que o trabalho foi válido.

Graças a essas agradáveis conversas, é possível descrever agora alguns detalhes da história do Mercado que enriquecem o que já fora mostrado pela imprensa ou divulga-

do nos livros e documentos oficiais. Um sentimento comum aos permissionários é a preocupação de que os filhos não queiram seguir a tradição, o maior bem imaterial que o lugar possui. Apresentamos, agora, as histórias de um Mercado diferente, na visão e nas palavras de quem se dedica ao prédio há pelo menos 30 anos.

Os autores

Foto: Adilson Baptista



Capítulo 1

Perfil histórico



“Prefiro o Mercado ao Shopping Center por causa dos cheiros... Tem cheiro de coisa boa. Traz saudade da infância”.

Vera Lúcia Marchiori¹

Um lugar de muitos cheiros, muitas cores e muitas caras, onde o progresso chegou mas não levou embora o aspecto familiar e o tom coloquial, típicos de cidade do interior. Detalhes que só são encontrados nos mercados municipais espalhados pelo Brasil afora.

Neles, o cheiro de fumo de corda se mistura ao de café moído na hora. O de couro mistura-se ao de goiabada fresca e pimenta dedo-de-moça.

Nos balcões, comerciantes se juntam aos fregueses e ambos se confundem com o colorido dos doces de damasco e figo cristalizado, das mudas de rosa, dos vasos de cerâmica e cestas de palha, sisal e bambu.

No Mercado de Ribeirão Preto tem de tudo, de sementes de gergelim a fígado alemão, delícia típica da culinária nordestina. Tem carne seca, miniatura de pilão e imagem de santo. Tem vitamina mista, para acompanhar o pastel de carne. Tem suco de graviola, clorofila e cupuaçu.

O som dentro dele também é peculiar. Quem prefere entrar no prédio pela avenida Jerônimo Gonçalves é recebido pela algazarra de periquitos australianos e pintinhos expostos em gaiolas, barulho que logo dá lugar ao dos liquidificadores a pleno vapor para matar a fome do freguês.

O clima é familiar no Mercado. As mulheres dos comerciantes ajudam seus maridos no negócio, e os filhos usam o balcão para herdar a profissão dos pais e avós.²

Sempre se encontra um conhecido por lá. Alguém de outro bairro ou cidade vizinha, acompanhado dos filhos ou aproveitando o tempo para passear sozinho. Em dias de muito movimento, é comum ouvir nos corredores alguma mãe dizer: “não solta de mim senão cê se perde...” Sempre se ouve também um “Pois não,

moça?”, seguido de um sorriso acolhedor, como acolhedora é a cidade de Ribeirão Preto.

Ribeirão Preto de outros dias

Os primeiros 60 anos de vida de Ribeirão Preto foram tranquilos. Mas por volta de 1870 o café entrou em decadência no Vale do Paraíba, trazendo à cidade fazendeiros em busca de novas terras para explorar e mudando bruscamente o quadro populacional do município.

As primeiras fazendas de café chegaram acompanhadas pelos trilhos da Ferrovia Mogiana, que foi organizada pelo capital cafeeiro brasileiro.³ Em 23 de novembro de 1883 a Cia. Mogiana inaugurava a Estação Ribeirão Preto. Essa estação foi construída provisoriamente perto de onde hoje está a Avenida Caramuru. No final de 1884 foi inaugurada a estação definitiva.

Depois de alguns anos, a região tornou-se grande produtora de café e transformou o Estado de São Paulo no maior exportador mundial desse grão.⁴ Com isso, vieram os imigrantes,⁵ especialmente os italianos, para oferecer mão-de-obra assalariada. Chamaram de ‘rossa’ a terra vermelha dos cafezais e incorporaram novos costumes à cultura de Ribeirão. Só na primeira década do século XX, a cidade recebeu mais de 19.000 novos imigrantes. O idioma de Dante se misturava definitivamente ao de Camões.

Mas o meio rural não foi o único destino deles. Alguns se fixaram na região com recursos próprios, com a intenção de estabelecerem-se como comerciantes, profissionais ou prestadores de serviços.

Nesse contexto de desenvolvimento do comércio, a Mogiana ajudava muito

porque facilitava o escoamento de produtos para o abastecimento de toda a região. Era a belle époque. A cidade se orgulhava de ser chamada de “Petit Paris” do Brasil. Havia muitos teatros, bares, casas de jogos e bordéis. Tanta diversão fez de Ribeirão uma cidade luxuosa, cheia de entretenimentos, sem formalidade e sem tristeza. Até Monteiro Lobato, depois de visitá-la, escreveu uma carta a um amigo reportando o que, para ele, era a beleza da época: as 800 mulheres da vida, todas estrangeiras e lindas que viviam por aqui.⁶

A vida noturna era uma das mais animadas do país e chamou a atenção de médicos, advogados, professores notáveis. Autoridades que chegaram nos vagões anunciados pelos apitos da velha Maria Fumaça, e por aqui ficaram definitivamente.⁷

Foi nesse cenário de desenvolvimento e às margens da Mogiana, que nasceu o Mercado Municipal de Ribeirão.

O Mercado em seus primeiros anos

Por muito tempo, o Mercado foi ponto de referência para quem chegava e um bom lugar para abastecer a despensa das famílias de todas as classes sociais da cidade. Antes dele, não havia muita opção para os moradores fazerem suas compras. A cidade tinha apenas alguns armazéns de Secos e Molhados, fase que durou de 1890 a 1900 e que deixou saudade dos 20 a 40 réis de cobre e bronze que se oferecia em troca de mercadorias variadas. Sua história é uma parte da própria história da cidade, e começou em 1881, quando a Câmara Municipal de Ribeirão Preto decidiu construir um Mercado Municipal no Largo da Matriz.⁸

A cidade já era pólo de atração regional e a cultura do café a principal fonte de riqueza do Brasil, daí a necessidade de um local apropriado para comercializar os



Foto: Mercado Municipal, visto pela avenida Jerônimo Gonçalves esquina com rua São Sebastião. Data: década de 1910. Fotógrafo: Aristides Motta. Coleção: Ana Maria Bromberg.

alimentos que até então eram negociados por chacareiros e comerciantes numa espécie de feira livre. A feira ficava em um prédio na Rua Visconde do Rio Branco, nas proximidades da Visconde de Inhaúma, via movimentada, mas sem oferecer boas condições de higiene.

Também nesse período muita gente deixou as lavouras e os cafezais, para tentar a vida na área urbana de Ribeirão. Decepcionados com os problemas na produção agrícola como pragas, seca, geada e intensas chuvas, além dos maus tratos oferecidos pelos fazendeiros, uma vez que muitos não haviam abandonado totalmente a concepção de escravatura, diversos trabalhadores foram para a cidade em busca de um emprego que lhes rendesse mais do que ganhavam no campo. Esse êxodo também influenciou na necessidade da construção do mercado.⁹

No inverno de 1881, precisamente em 9 de maio, o primeiro projeto foi apresentado. Era de autoria do vereador Antonio G. dos Santos Primo e foi aprovado em fevereiro de 1884. Nessa época, havia uma proibição de venda indiscriminada de frutas pela vila, principalmente das que ainda não estavam maduras. Seis anos depois, em novembro, Mercado não havia saído do papel. O projeto só foi votado e aprovado em julho de 1888, e em meados de 1889 as obras estavam quase concluídas. Faltava apenas o dinheiro para reformar a praça em frente ao prédio. A Câmara conseguiu o auxílio do Governo Provincial, e finalmente, em 29 de outubro de 1900, o Mercadão começou a funcionar.¹⁰

O prédio tinha estrutura de madeira e foi construído pelo grupo Folena & Cia, que o explorou por oito anos, até que a Prefeitura tomou posse do imóvel, pagando ao grupo "120 contos de réis"¹¹ No local, à época, tanto quanto hoje, vendia-se de tudo: de mantimentos a ferramentas e relógios. Os visitantes e clientes mais nobres chegavam de trem, já que a estação ficava perto, e as pessoas que vinham das

fazendas próximas utilizavam a carroça como meio de transporte.

Nas primeiras décadas de atividades do Mercado, o Brasil vivia a República Velha, período em que a política local era caracterizada pelo coronelismo e durou de 1891 a 1930. A República Velha foi a primeira experiência de governo republicano no Brasil após a queda do Império, marcada por disputas e acordos entre as elites e chefes civis. A maioria da população era analfabeta e por isso excluída do processo eleitoral.

A política local era dominada pelos fazendeiros de café que tinham títulos militares honoríficos, sendo que a grande disputa de poder ficava entre o Coronel Francisco Schmidt – detentor da maior propriedade cafeeira do mundo – e o Coronel Joaquim “Quinzinho” da Cunha Diniz Junqueira – líder político da família Junqueira. Algumas vezes coligados, e outras individualmente, os dois detinham o título de chefe político, o que lhes dava liberdade quase absoluta para tomarem decisões sobre a política na região.¹²

Passaram-se os anos e nesse contexto político o Mercado caminhava para seu 27º aniversário. Mas não só de comemorações é feita a história do local: em 7 de março de 1927 uma enchente alagou todo o quarteirão onde se localizava, estragou tecidos e roupas de cetim, gorgurão e tafetá. Comprometeu as ferramentas que eram vendidas, levou as sementes embora. Os prejuízos foram enormes. De lá pra cá outras inundações afetaram essa região da cidade, mas dizem que nenhuma como a da década de 1920.

O Mercado também ficou marcado pelas chamas de um incêndio em 7 de outubro de 1942, período em que o mundo vivia a 2ª Guerra Mundial. Ninguém nunca soube informar com exatidão o que aconteceu naquela noite. Dizem que chovia

muito e que provavelmente, um raio caiu sobre a estrutura do Mercado. Como ela era toda em madeira, o maior centro comercial da cidade virou cinzas. Apesar disso, há a hipótese de um problema na instalação elétrica do prédio ter sido a causadora do acidente. As chamas ficaram acesas na memória dos permissionários mesmo depois de meio século do incêndio.¹³

Alguns comerciantes insistiram em continuar por ali, vendendo seus produtos nas proximidades ao que sobrou do velho prédio, mas a maioria acabou transferida para barracas na Avenida Francisco Junqueira, confluência com a Avenida Jerônimo Gonçalves, bem perto do córrego Ribeirão Preto. Devido ao mau cheiro, aspecto desagradável e falta de higiene, as barracas acabaram sendo desativadas.

O município alegava não ter recursos para construir um novo prédio, mesmo com um contrato assinado pelo Prefeito José de Magalhães, em 1949, autorizando a obra.¹⁴ Além do desconforto, os comerciantes sofreram com a discriminação: eram tratados como “criaturas” pela parcela da população que se considerava “mais culta”. Os comerciantes eram considerados relegados ao desprezo desta “casta”.¹⁵

A urgência dessa classe mais alta para a reconstrução foi tanta que até o Serviço de Saúde da cidade interferiu, sujeitando os ambulantes a sanções, caso não retirassem as barracas do local.¹⁶ A imprensa também interferiu e cerca de um mês depois, noticiou a aprovação do projeto do novo Mercado, numa primeira discussão.¹⁷

A reconstrução do prédio, no entanto, levou ainda quase uma década. Só aconteceu depois de muita burocracia, com sessões da Câmara canceladas e constante interferência da imprensa: ora incentivando, ora ignorando a necessidade do novo



Mercado Municipal, barracas construídas no local do antigo mercado. Vista a partir da Av. Jerônimo Gonçalves. Data: s/d. Fotógrafo: não identificado. APHRP

prédio.¹⁸ Em 04 de julho de 1950, a prefeitura autorizou, enfim, a reconstrução, através da Lei nº 146.

O prédio de 1958

Passaram-se oito anos, sem que o novo Mercado tivesse saído do papel. A inauguração, no mesmo lugar do que fora destruído pelas chamas, aconteceu em 28 de setembro de 1958, na gestão do Prefeito Costábile Romano. O novo prédio foi projetado pelo engenheiro Jaime Zeiger, o mesmo profissional que mais tarde daria forma ao Teatro de Arena no Morro de São Bento.

Apresentando uma arquitetura moderna, com seis entradas e um grande vão que permitia a distribuição dos boxes de forma independente e uma alameda central, que dividia o mercado ao meio.¹⁹

Além dos tradicionais boxes de sementes, tecidos, utensílios domésticos e hortaliças, o prédio tinha uma agência bancária e um escritório de contabilidade, da família Pileggi, que até hoje está no ramo, mas atualmente tem suas instalações em outro lugar da cidade.²⁰

O novo Mercado incluía um detalhe especial: um mural de pastilhas de azulejo feito pelo artista plástico italiano Bassano Vaccarini.²¹ A obra começou a ser construída em 1956, por ocasião do centenário da cidade, em uma das paredes externas do Mercado. A escultura é moderna e abstrata, composta por pastilhas coloridas. Por anos foi protegida por uma grade que evitava ações de vândalos. Em julho de 2006 o mural foi restaurado e a grade removida. Hoje pode ser observada com facilidade por todos que passam pela rua São Sebastião, quase esquina com a Jerônimo Gonçalves.



Foto: Adilson Baptista

O Mercado e as administrações municipais

Da reconstrução do prédio aos dias atuais, oito prefeitos passaram pelo Executivo Municipal de Ribeirão Preto, sendo que alguns cumpriram mais de um mandato.²² De acordo com Antônio Ventrice, o “Toninho”, dono da Chapelaria Pean, que está no Mercado desde 1962, Duarte Nogueira era assíduo frequentador do local e fazia questão de ouvir pessoalmente cada um dos comerciantes, que aproveitavam o contato pessoal para fazer as reivindicações diretamente ao prefeito.

Na Gestão Palocci o Mercado tornou-se Patrimônio Histórico de Ribeirão Preto, que em 20 de janeiro de 1993, sancionou a Lei nº 6.597, de autoria do vereador Pedro Augusto de Azevedo Marques, declarando o local um bem de valor histórico e cultural do município. Também, segundo o comerciante, Antônio Palocci foi quem liberou verba e autorizou uma reforma no prédio, até então nunca realizada em meio século de atividades. Telhado, parte elétrica, hidráulica e de esgoto foram trocados. O Mercado ganhou nova pintura e o uso de gás encanado substituiu os botijões que ficavam nos boxes e levou para longe o risco de um novo incêndio.

Uma enchente interrompeu parte do processo de reforma em 2002. Foram 15 dias de trabalho para a recuperação do local. Dificuldade superada pela amizade e tranquilidade dos condôminos mais antigos.²³ Dias melhores vieram. Em 16 de novembro de 2004, através da Lei 10.250, o poder executivo transformou o Mercado em ponto turístico de Ribeirão e o incluiu no Circuito Cultural da cidade.

De acordo com Toninho, uma das fases mais difíceis do Mercado, em relação às tramitações políticas, foi durante o mandato do prefeito João Gilberto Sampaio,

que, ainda segundo o entrevistado, era taxativo em acabar com o Mercado, pois o considerava um lugar sem cultura e sem nenhum significado.

Sentindo-se ameaçados, os comerciantes foram à luta e criaram a Acomecerp (Associação dos Comerciantes do Mercado Municipal de Ribeirão Preto), em 05 de dezembro de 1985, da qual Toninho foi o primeiro presidente. O mercado passava a ter sua própria administração, mesmo sendo ainda subordinado à Coderp - Companhia de Desenvolvimento de Ribeirão Preto.²⁴

O comerciante relembra que antes de ser subordinada à Companhia, a administração do Mercado ficou a cargo de órgãos municipais que não tinham nada em comum com as atividades do Mercado, como Secretarias da Educação e da Saúde.²⁵

Em 2003, a empresa COC Júnior realizou uma pesquisa - a pedido da Coderp e Acomecerp, em parceria com o SEBRAE-SP, para traçar o perfil de quem comprava no local. Descobriu-se então, que por lá passavam por dia, na época da pesquisa, cerca de 4.000 pessoas, sendo 3.000 em dias de baixa e 5.000 em dias de alta movimentação. Os consumidores mais assíduos frequentavam o Mercado mais de uma vez por semana, motivados por preço e variedade de produtos.

A maioria dos consumidores, segunda a pesquisa, é de Ribeirão Preto e do sexo masculino. Os maiores frequentadores têm mais de 45 anos e preferem as tardes durante a semana para fazerem suas compras. A motivação desses consumidores se dá nos quesitos “preço” e “variedade”, e eles consideram de boa qualidade e variedade o que é oferecido. Essa maioria também acredita que o Mercado faz jus ao título de Patrimônio Histórico da cidade.²⁶

A tradição faz do Mercado um espaço de compras diferenciado com conceito

bem familiar. Por telefone, ou pessoalmente, os fregueses são fiéis ao consumo de produtos no prédio. Alguns, o frequentam semanalmente, há mais de 40 anos. Há também gente que sai da capital paulista, especialmente para comprar chapéus, canivetes, cintos e fumo de corda. Clientes que demonstram uma intensa relação de confiança com os comerciantes do velho prédio.²⁷

Muitos permissionários trabalham com suas famílias no Mercado. Pessoas que dedicaram suas vidas ao comércio no local, aprenderam profissões e criaram seus filhos correndo aqui e ali entre as balanças e corredores do prédio.

Juntas, essas pessoas ajudam a escrever a história do Mercado com suas próprias histórias, e é especialmente sobre elas que falam os capítulos seguintes.

-
1. MARCHIORI apud MIMESSI, Carla. A tradição em 105 anos de história. *Jornal Enfim*. Ribeirão Preto. Encarte Especial. Ribeirão Preto, SP, 24 de setembro de 2005, p. 3.
 2. MIMESSI, Carla. A tradição em 105 anos de história. *Jornal Enfim*. Ribeirão Preto. Encarte Especial. Ribeirão Preto, SP, 24 de setembro de 2005, p. 3.
 3. BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Tomaz W. *Dos Coronéis à Metrópole - fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX*. Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 2000, p.39.
 4. BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Tomaz W. *op. cit.*, p.41.
 5. BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Tomaz W., *op. cit.*, p.41.
 6. BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Tomaz W., *op. cit.*, p. 40.
 7. CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. ed.1.vol.5. Ribeirão Preto, SP:
 8. MEIRELLES, Cristine et.al *Resgate Histórico do Mercado Municipal de Ribeirão Preto*. 1997. Monografia Comunicação Social. Unaerp. Ribeirão Preto. SP. 1997, p. 15.
 9. CASTRO, Meire Cristina de. *O Trabalho Ambulante no Complexo Cafeeiro: Ribeirão Preto (1950 -1960)* 2000. 158f. Dissertação (Mestrado em História) p. 88.
 10. MEIRELLES, Cristine et.al. *op. cit.*, p. 17.

- 11.(Conforme site <<http://www.mercadaoderibeiraopreto.com.br>>, acessado em 21 de outubro de 2010, às 17h31.
12. BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Tomaz W. op. cit. p.27.
- 13.MEIRELLES, Cristine et.al . op. cit. p. 22.
14. MEIRELLES, Cristine et.al . op. cit. p. 22.
15. CASTRO, Meire Cristina de. op. cit. p. 90.
16. DE SUMA urgência a construção do Mercado. Diário da Manhã. Ribeirão Preto, SP, p. 01, 08 de fevereiro de 1950.
17. CASTRO, Meire Cristina de. op. cit. p 91.
18. CASTRO, Meire Cristina de. op. cit. p 91.
19. RIBEIRÃO Preto 2000. op. cit.
20. Conforme entrevista dada por Antônio Ventrice aos autores do livro em 03 de setembro de 2006, gravada em fita cassete com tempo de duração de 47 minutos e 43 segundos.
21. Bassano Vaccarini nasceu em 1914, em San Colombano Al Lambro, no norte da Itália. Escultor, pintor e cenógrafo, Vaccarini começou a se interessar por arte quando tinha apenas 7 anos, e foi considerado o melhor escultor jovem de Milão em 1935. Depois de morar 10 anos na capital paulista, veio a Ribeirão para organizar a festa do centenário da cidade. Permaneceu na região até falecer aos 88 anos, no dia 07 de abril de 2002. O artista sofria do Mal de Alzheimer desde 1998. Só a cidade de Altinópolis, interior de São Paulo, concentra mais de centenas de obras do artista, entre esculturas e pinturas, pertencente a acervo da Prefeitura e coleções particulares.
22. CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. Memória – As Legislaturas Municipais de 1874 a 2004. Ribeirão Preto, SP, 2004.
23. Depoimento de Antônio Ventrice.
24. Depoimento de Antônio Ventrice .
25. Ibid.
26. SEBRAE – SP. Pesquisa do Mercado Municipal. Ribeirão Preto, SP, maio de 2003.
27. Depoimento de Antônio Ventrice.



Capítulo 2

A Família Ventrice e a Chapelaria Pean

“Nós somos uma grande família dentro do mercado, trabalhando sempre juntos. Sai ano, entra ano, nós estamos aqui... É a família trabalhando para as famílias”.

Antônio Ventrice

Faz mais de duas décadas que todas as manhãs, antes das oito, Antônio Ventrice, o “Toninho”, cumpre o mesmo ritual: chega com os filhos ao box 129 do Mercado de Ribeirão Preto, sente o cheiro de couro dos cintos pendurados nos cabides, dos fumos de corda e dos chapéus expostos organizadamente nas paredes. Uma pausa para um gole de café antes de preparar o balcão de atendimento, de separar as tarefas para mais um dia de trabalho na Chapelaria Pean.

Ouve o barulho tão peculiar dos outros comerciantes chegando, os mesmos rostos, o mesmo “bom dia, Toninho”. Observa por alguns segundos o levantar das portas e o vai e vem dos funcionários da Acomecerp, realizando a limpeza.

Há mais de 28 anos a mesma rotina. Há quase 40, a mesma dedicação ao prédio. Toninho tem 55 anos, e vai longe os meados de 1962, quando começou sua história no Mercado Municipal de Ribeirão. Filho de italianos que chegaram ao Brasil e se fixaram em São Simão para trabalharem nas lavouras de café, o pai de Toninho veio com a família de Cravinhos para Bonfim Paulista, onde havia conseguido um emprego na antiga Fazenda Meirelles.

Com o tempo, a Meirelles foi desmembrada em duas fazendas: a Santa Maria e a Santo Américo, e o pai de Toninho foi convidado a administrar esta última. Foi na Santo Américo que o comerciante nasceu e permaneceu até os 21 anos, quando o pai faleceu.

Antes, porém, aos 12 anos, e a convite da irmã, conseguiu seu primeiro emprego no Mercado, que havia sido reinaugurado após mais de uma década do incêndio que o consumira, em 1942. Foi trabalhar no Bar do Tônico, de propriedade de Antônio Tamburus.

Toninho trabalhou no bar até 1964, quando Zeki Curi, libanês do ramo de tabacaria, convidou-o para juntar-se à família libanesa no estabelecimento. Toninho ficou por lá mais de 20 anos. Além dele e do proprietário, trabalhavam no lugar

mais dois funcionários, um era Pedro, seu futuro sócio na chapelaria que abririam em novembro de 1978, a Chapelaria Pean, nome que vem da junção das primeiras sílabas dos nomes “Pedro” e “Antônio”.²⁸

Quando abriram o comércio, o Mercado vivia um bom momento. Gente famosa passava por lá: Ari Toledo, Flávio Cavalcanti, cantores e pessoas da elite de Ribeirão visitavam o local constantemente. Não havia supermercados, nem shoppings ou grandes magazines. Os hortifrutigranjeiros se concentravam num entreposto ao lado do prédio, onde hoje funciona o CPC - Centro Popular de Compras – impulsionando o comércio dentro do Mercado.

O uso de automóveis naquela época era uma raridade, por isso, os agricultores de sítios, fazendas e chácaras chegavam de carroça, carro de tração animal ou empurrados, carrinhos de mão cheios de verduras para serem vendidas. O Mercado era um comércio forte no ramo de hortifruti, explica Toninho.

A década de 1970 também foi o período em que ele conheceu Darci de Sousa Mota, com quem está casado até hoje, e tem três filhos: Wagner, Marcos e Sânia.

Darci estava grávida de seis meses do filho mais velho, Wagner, quando Toninho abriu a Pean. O menino cresceu vendo o pai atender os clientes, separar a mercadoria, ouvir as muitas histórias do balcão, sustentando a família com o que ganhava no Mercado. Aos catorze anos, Wagner, o Waguinho, começou a trabalhar efetivamente no box, atendendo o balcão. Aos dezenove deixou a chapelaria para tentar outras atividades, e passou a função ao irmão Marcos, o Branco, na época com 15 anos.

Depois de um tempo, voltou para a Chapelaria Pean. No Mercado de Ribeirão Preto é assim: o carinho e o cuidado com a lida e as histórias são passados de pai para filho, ficando tudo em família. Tradição que não tem preço.

O bom momento pelo qual passava o Mercado Municipal na década de 1970

fazia com que seu funcionamento se estendesse aos domingos. Porém, no dia 02 de janeiro de 1977, depois de um ato político promovido pelo vereador Fuad Hanna, esse funcionamento foi encerrado. Na época, quem era funcionário, como Toninho, aprovou o fechamento, mas ele diz que se fosse hoje defenderia a abertura nesse dia da semana.

Para o comerciante, o período áureo do Mercadão compreendeu as décadas de 1960 e 1970. Naquele tempo, havia no prédio uma mercearia chamada Mercacelis, cujos proprietários eram Sebastião Moreira e Divino Moreira. Lá se encontrava de tudo, do nacional ao importado: bebidas, produtos alimentícios, enlatados, “de tudo”, como diz Toninho. Pela diversidade, a Mercacelis atraía a atenção da alta sociedade. Era um comércio muito forte e voltado à elite.

Também nessa época havia no prédio a banca do Raimundo Labate, o popular “Seu Mano”, rica em frutas de todas as espécies, e segundo Toninho, composta de produtos de primeira qualidade, também voltada para o atendimento da alta sociedade de Ribeirão Preto.

Essa clientela, porém, foi embora nas décadas de 1980 e 1990, devido à chegada dos grandes magazines e supermercados, além do RibeirãoShopping, que nascia na cidade como um atrativo de lazer. O movimento dentro do Mercado caiu surpreendentemente devido à concorrência que começava a se formar.²⁹ Além disso, nesse período cogitava-se a hipótese de ser extinto o Mercadão, pois, nas palavras de Vendrice, “a Administração Municipal considerava que o lugar nada significava para Ribeirão Preto”.

O mau tempo dessas décadas deu lugar a um movimento de clientes muito maior nos anos seguintes. E mudou mesmo. Hoje possui até salão de cabeleireiros e box de artigos eletrônicos. Só não conseguiu ainda se livrar do fantasma das enchentes que chegam com as águas dos meses de dezembro a fevereiro. A do dia 23 de feve-

reiro de 2001 é lembrada com muito pesar por quem viu mais uma vez, uma vida de trabalho ir literalmente por água abaixo.

O ramo de tabacaria e chapelaria do qual Toninho faz parte é impulsionado no município pela Festa do Peão de Barretos, cidade há 117Km de Ribeirão. Segundo o comerciante, sempre que há festas regionais desse tipo, as vendas aumentam porque os visitantes vêm ao Mercado para comprar mercadorias que não são encontradas em nenhum outro lugar da região, como por exemplo, o chapéu Ramezone 3X, e outros modelos como o Cury, e de Pêlo de Lebre, muito usado antigamente.

Também os eventos promovidos por faculdades e empresas de Ribeirão servem como fator de motivação para as vendas na Chapelaria: Congressos de Direito, por exemplo, trazem ao Mercado clientes italianos, ingleses, americanos, que ficam admirados ao ver fumo de corda, afinal esse é um item que não existe em vários países. Em alguns países da Europa, por exemplo, é o governo que industrializa e por essa razão os turistas admiram a maneira artesanal de se trabalhar esse produto, como acontece no interior de São Paulo.

De segunda a sexta-feira, a rotina da família Ventrice no Mercado termina às 18 horas. Momento de enfrentar o rush na Avenida Caramuru, voltar para casa em Bonfim Paulista e aliviar os pés cansados de atender o balcão.

Cansaço, sim. Mas nada que uma boa noite de sono não recupere. No dia seguinte, estão novamente prontos para escreverem mais um capítulo da história do Mercado nos balcões da Chapelaria Pean.

28. Depoimento de Antônio Ventrice.

29. A banca de Labate existe até hoje no Mercado. No entanto, quem administra o Box atualmente é o filho de Raimundo, conhecido pelos comerciantes como o “Maninho”, filho do “Seu Mano”.

Capítulo 3

O Restaurante do Lula

“Foi o melhor negócio da vida do meu pai”.

30

Sindney Reinaldo Júnior

Lulinha



Quando Sidney Reinaldo deixou São Joaquim da Barra para visitar Ribeirão Preto, em 22 de março de 1977, talvez não tivesse ideia de que ali começaria uma longa história de dedicação ao comércio ribeirão-pretano. Lula, como era conhecido, morava com a esposa e os dois filhos, foi padeiro, alfaiate e atendente de balcão.

Certo dia, o irmão desse são-joaquinense comprou uma churrascaria na Rua São Paulo e o convidou para trabalhar no seu estabelecimento. Depois de algum tempo, o irmão trocou o churrasco por uma sorveteria e passou a Churrascaria Cristal para Lula. Foram sete anos de trabalho no local.

Começava 1976, um ano difícil para ele. O negócio na churrascaria não deu certo e ele ficou por mais de um ano sem emprego.³¹ Então, passou a vir para Ribeirão Preto com frequência, na intenção de comprar algum estabelecimento do ramo alimentício, com o qual já estava acostumado.

Um tanto cansado de andar, em uma dessas visitas, parou em um bar na Rua Saldanha Marinho com a Rua Lafaiete, centro de Ribeirão, para tomar uma cerveja. Numa conversa de balcão com o atendente do bar, descobriu que uma pastelaria no Mercado estava à venda, mas foi enfático em seu “Deus me livre, eu não quero”. O atendente insistiu que Lula pelo menos fosse até o Mercado para conhecer o local. Deu certo. Ficou com a pastelaria, mais tarde transformada em restaurante, por mais de 20 anos. Teria ficado mais, se não tivesse falecido aos 73 anos, em 1997.

Quem conta essa história é “Lulinha”, Sidney Reinaldo Junior, filho do comerciante Lula, com quem chegou a trabalhar por um tempo e a aprender o dia a dia do estabelecimento.

Em janeiro de 1978, Lulinha veio com a mãe e a irmã para reencontrar o pai, que morava sozinho já fazia nove meses, no Hotel São José. Lula não trouxe a família para Ribeirão até ter certeza de que a pastelaria daria certo, e que esposa e filhos não passariam nenhuma dificuldade deixando a casa em São Joaquim da Barra.

Nessa época, o estabelecimento tinha outro nome: “Bar e Pastelaria ao Maracujá” e o que se via nele era bem diferente dos 61 metros quadrados que o restaurante tem atualmente. Havia poucas mesas, era um local apertado, e chegou a pegar fogo devido a um vazamento de gás em 24 de dezembro de 1977. No incêndio, algumas prateleiras foram destruídas e o estrago só não foi maior porque o vizinho de box, que tinha uma casa de frutas no Mercado, apagou o fogo.³²

Desde que assumiu a administração do restaurante, Lulinha providenciou, paulatinamente, algumas mudanças, novos balcões foram comprados, uma cozinha com mesa para servir foi providenciada.

As mudanças citadas por ele passaram pela descrença de alguns comerciantes, que acreditavam que após o falecimento do pai, Lulinha venderia o espaço no Mercado. O restaurante, que começou com apenas 6 mesas, hoje tem cerca de 25, e estão sempre, cheias. O menino Lulinha, hoje homem formado, venceu.

Dos tempos do velho pai, ficou a saudade, e as lembranças daquele período em que até divergências eram sinal de cumplicidade. Lulinha queria reformar o restaurante, Lula achava melhor esperar um pouco. O filho acreditava que servir sempre picadinho de carne poderia cansar o apetite dos clientes e dava sugestões como costela e mandioca, o pai se recusava a mudar o cardápio.

O picadinho de carne foi vendido no balcão da família por mais de 20 anos e era uma tradição no Mercado. Embora hoje não esteja diariamente no cardápio, o prato é vendido esporadicamente aos sábados, sempre a pedido de alguns clientes.

Mas o Restaurante do Lula mantém viva uma outra tradição em termos de cardápio: a do “prato comercial”. Segundo Lulinha, em Ribeirão Preto só existem dois lugares que ainda servem o comercial: o restaurante dele, e um outro na Rua Saldanha Marinho nº 98, pois “todo mundo está vendendo o self-service por quilo”.

Ele afirma que não tem intenção nenhuma de aderir ao jeito americano de vender, porque o prato comercial já virou tradição no Mercado, e que “em time que está ganhando, não se mexe”, diz ele.

A ausência do pai vem sendo superada pelo comerciante com o carinho da mãe. Quando o pai de Lulinha era vivo, ele a proibia de frequentar o Mercado. Após seu falecimento, sua mãe passou ajudar o filho no restaurante. Ali, colaborando na cozinha, e observando o ir e vir das pessoas, cada uma com sua história, a vida da família encontrou um jeito de se reorganizar, coisa nada fácil para quem viveu 30 anos dividindo sonhos, lágrimas, e expectativas com um grande companheiro.

Além do proprietário e da mãe, trabalham no restaurante mais cinco funcionários: uma cozinheira, dois garçons e dois ajudantes gerais. Quando a cozinheira falta, Lulinha já tem uma outra pessoa que é chamada para substituí-la, sem que caia a qualidade das refeições.

Inovar também faz parte do cotidiano do restaurante do Lula: filé Gondonblê é um dos mais apreciados pelos clientes. O prato é feito com filé de frango, recheado

com presunto, queijo e acompanhado de purê de batatas.

Para garantir a clientela, o comerciante não se prende ao Mercado Municipal: pela manhã, deixa o restaurante aos cuidados dos funcionários e sai com bloco de papel e caneta nas mãos. Tanto empenho tem um motivo forte: o Mercadão é hoje a única fonte de renda da família. Lulinha não tem filhos e teme que na velhice tenha que vender o box por não ter quem o suceda. “Tenho uma irmã casada que tem duas crianças pequenas, mas duvido que elas vão querer assumir”, lamenta.

Ele aprendeu a conviver com o velho prédio e seus habituais problemas, entre eles, o telhado que é feito em zinco, material que combinado com o clima quente da cidade, torna o dia a dia um pouco mais cansativo. Trocar não pode, já que o Mercadão é reconhecido como Patrimônio Histórico. E só quem está no velho prédio sabe como é suar a camisa pra escrever essa história.

Mesmo com problemas na estrutura, com os altos e baixos na clientela, com a camisa ensopada de suor pela correria nas ruas da baixada tentando fidelizar funcionários do comércio que almoçam no Mercadão, na opinião de Lulinha, ele ainda é o lugar mais importante de Ribeirão Preto, sem o qual o comerciante não saberia viver. “Se um dia o Mercado acabar, será a mesma coisa que amarrar minhas pernas, que eu ficar de mãos atadas, porque é daqui que eu vivo. Todo meu sustento é tirado desse lugar”.

30. Entrevista de Sidney Reinaldo Junior, concedida aos autores desse livro em 22 de setembro de 2006 e gravada em fita cassete com duração 24min 30seg.

31. Lulinha não informou aos autores do livro o motivo pelo qual a churrascaria foi fechada. Disse apenas que após fechá-la, o pai dele ficou um ano sem conseguir um novo emprego.

32. Depoimento de Sidney Reinaldo Junior.

Capítulo 4

A Família Santos e o Restaurante do Cláudio

“Meu avô batalhou muito pra voltar aqui. Falava com espontaneidade e amava esse lugar... É isso que tento passar para meus filhos”.

José Cláudio dos Santos³³



No Mercado também tem gente que deixou praias enfeitadas com o Pão de Açúcar para tentar a vida vendendo “picadinho de carne” em Ribeirão Preto.³⁴

Esta é a história da família Santos, que, desde 1924 possui um restaurante no Mercado, e já está na terceira geração de comerciantes. Quem começou essa tradição foi “sô Chico”, Francisco Lemes dos Santos, um carioca que tinha um único sonho na vida: vir com a família para Ribeirão Preto e abrir seu próprio negócio.

Deu certo. Francisco deixou o Rio de Janeiro quando conseguiu um emprego de garçom no Hotel Aurora, um dos mais antigos e tradicionais de Ribeirão. Mudou com a família para uma casa na Vila Tibério e trabalhou por muitos anos servindo o balcão do Aurora antes de abrir seu próprio negócio. O primeiro nome dado ao estabelecimento foi Bar e Café Mooca. Nessa época, o filho de “Sô Chico”, Cláudio Atílio dos Santos era ainda uma criança de colo.

Atualmente, quem administra o local é José Cláudio dos Santos, neto de “Sô Chico”, que com seus cabelos grisalhos, mantém viva a tradição da família no ramo alimentício. O avô trabalhou firme no Mercado até falecer. Foi uma vida de coragem e muita luta: ele foi um dos comerciantes que viveram os 16 anos sem o Mercado, depois que o fogo levou tudo embora.

A barraca dele ficava na confluência da Rua Francisco Junqueira com a Jerônimo Gonçalves.³⁵ “Ele perdeu tudo, ficou sem nada, ficou no zero. Então começou tudo de novo, graças ao empenho da turma aqui mesmo do Mercado. Cada um fez a sua [barracquinha] e recomeçou”, diz Cláudio.

Logo que abriu o restaurante, seu avô começou a vender um prato que virou tradição no Mercado: o picadinho de carne, e não deixou de fazê-lo, mesmo na barraca quase improvisada à beira do córrego na Avenida Francisco Junqueira. A

diferença era que trazia a comida feita de casa, porque o espaço na barraca era muito pequeno.

Ele contava para a família que o incêndio de 1942 foi algo de “doer o coração”, pois na época, eram vendidos animais vivos dentro do Mercado. Porcos, patos e galinhas morreram naquelas chamas. Depois que o Mercado foi reinaugurado, em 1958, Francisco Lemes não pôde voltar a ter seu box no local porque o então prefeito Costábile Romano proibira os restaurantes no Mercado. “Meu avô havia até trabalhado como cabo eleitoral na campanha de Costábile para conseguir novamente seu lugar no Mercado”, conta o neto, mas mesmo assim, fora impedido de retomar suas atividades no prédio.

Mas “Sô Chico” não ficou parado a lamentar. Correu atrás, procurou amigos, os comerciantes mais antigos do Mercado, que fizeram um abaixo assinado pedindo a volta do restaurante.

O prefeito liberou, mas só metade do espaço que possuía no antigo box, o que permitia apenas que a família oferecesse pingado e pão com manteiga. Comida ainda não podia ser vendida. De tristeza, “Sô Chico” ficou até doente na época.

Com a mudança de prefeito, as coisas mudaram. Voltou a servir refeição no box, mas os pratos eram preparados na casa do comerciante. “Era um bacião com aquelas panelas grandes. Eles abriam o box às cinco e meia da manhã e iam até seis horas da tarde. Foi assim durante um bom tempo.”³⁶

Depois que “Sô Chico” faleceu, em maio de 1959, quem tomou a frente do negócio foi o pai de José Cláudio. Cláudio Atílio dos Santos comprou mais um box e trouxe de volta o picadinho de carne do Mercado.

José Cláudio era ainda bem pequeno quando o pai foi trabalhar no restaurante, mas se recorda bem da clientela fiel que não se importava de comer a mesma comida todo dia. “A turma não reclamava, até gostava, e o nosso era talvez um dos melhores picadinhos que tinha aqui, tinha o meu e do vizinho ali”, lembra o permissionário apontando para o Box perto.

A freguesia era de toda a região, e até da capital paulista. Todos queriam saborear o prato. Alguns freqüentadores do lugar dizem ainda lembrar do cheiro do picadinho do “Sô Chico”, refogado com cebola. Afirmam que era de dar água na boca em muitos clientes do Mercado, e dispensava o arroz branco para ser servido apenas com fatias de pão.

Com o passar dos anos, Cláudio, o segundo na geração de comerciantes na família Santos, também acrescentou no cardápio o prato comercial e o “PF”, prato-feito. Depois que Cláudio morreu, a tradição passou para José Cláudio, e já se vão mais de 30 anos tomando conta dos negócios.

Uma das mudanças feitas por José Cláudio foi na forma de servir do restaurante. Ele deixou definitivamente o prato-comercial e o PF, adotou o modelo americano self-service, que afirma ser “uma tendência de mercado”, e para a tristeza de alguns consumidores mais antigos, tirou o picadinho do cardápio.

Hoje avaliando, Cláudio diz que a mudança foi radical e o picadinho deixou saudade na clientela. Alguns, ainda encostam no balcão do restaurante e perguntam “Ô Cláudio, cadê aquele picadinho do seu pai, do seu avô?”

O comerciante pensa em voltar a servir o tradicional prato, já que o seu pai sempre pedira para que ele nunca faltasse às mesas. Cláudio Atílio, um freguês costumava pedir “faça qualquer outro prato, mas deixa o picadinho no cardápio”.

José Cláudio segue o que virou tradição do Mercado Municipal de Ribeirão, trabalhar com a família no estabelecimento. Costuma chegar ao prédio às sete da manhã e baixar as portas só quando o sol já foi embora, bem depois das 18 horas, isso, quando não leva trabalho para casa.

Pratos como rabada e costela requerem tempero de um dia para o outro, explica o comerciante, que em casa cuida dos números da contabilidade do box, e faz as contas do que deve comprar para que não falte nada da parte de hortifrutigranjeiros. A esposa de Cláudio é fiel companheira na cozinha e também ajuda servir o balcão. José Cláudio tem dois filhos, um menino com 13, e uma menina com 15 anos.

Nos raros momentos em que a lida no box se faz tranquila, é para eles que o permissionário fala do antigo Mercado. Relembra as falas de “Sô Chico”, e recorda sua espontaneidade e amor pela edificação.

Muita coisa mudou desde os tempos em que o avô de José Cláudio deixou o Hotel Aurora para comprar seu pequeno box no Mercado. Passaram as décadas de 1970 e 1980, em que o Mercado viveu um bom momento no que diz respeito às vendas. Passou a década de 1990, que assim como para outros comerciantes, diminuiu o movimento no Restaurante do Cláudio. Passaram também celebrações como os jogadores Sócrates e Palhinha, e o ator Zé do Caixão, provando os doces, comprando queijos, acenando para quem estava atrás dos balcões do Mercado.

O chão de asfalto hoje recebe gente de vários países, gente que anda muito para chegar a Ribeirão, e gente que ainda nem aprendeu a andar direito. Crianças sorrindo com dentes de leite, que chegam segurando as mãos umas das outras

para não se perderem de professoras que as levam para conhecer o que tem no Mercado Municipal. Vez ou outra, o pagamento dos comerciantes por manter vivo o patrimônio imaterial que o prédio guarda é, conforme conta José Claudio, um agradecimento do tipo “Ô tio, gostei do Mercadão”.

Se haverá a quarta geração da família Santos no Restaurante, tem-se que esperar mais alguns anos para saber. “Meus filhos são pequenos ainda, mas já vejo neles que tem um leve interesse. Só o tempo vai falar. Então, quem sabe uma quarta geração?”, diz Cláudio. No que depender dele, a família continuará, com ou sem picadinho, trabalhando para eternizar o sobrenome “Santos” na história do Mercadão de Ribeirão Preto.

33. Conforme entrevista concedida por José Cláudio dos Santos aos autores do livro em 03 de outubro de 2006, gravada em fita cassete com duração de 26 minutos e 23 segundos.

34. O picadinho do Restaurante do Cláudio, assim como o que era vendido no Restaurante do Lula citado no capítulo III desse livro, era uma tradição no Mercado Municipal. Hoje Cláudio não vende mais o prato, e no Restaurante do Lula o picadinho é vendido esporadicamente aos sábados.

35. Depoimento de José Cláudio dos Santos.

36. Depoimento de José Cláudio dos Santos.

Capítulo 5

A Pastelaria da Família Rios

foto: arquivo da família



“Meu pai ainda vem trabalhar aqui de sábado, quando eu vou jogar bola no clube. Ele gosta de matar a saudade”.

Márcio Rios³⁷

Em 1958 José Rios Rodrigues abria no Mercado Municipal de Ribeirão Preto uma banca de frutas que depois se transformaria em um dos pontos preferidos dos clientes: a Pastelaria Rios.

Antes de se instalar no Mercado, o comerciante tinha uma Casa de Vitaminas na Rua General Osório. O estabelecimento chamava-se Casa Rios, e funcionava perto do antigo Hotel Brasil, no centro de Ribeirão.

Depois de algum tempo com a Casa de Vitaminas, José Rios decidiu investir em algo maior, e como o Mercado havia sido reinaugurado naquele ano, resolveu abrir a banca no local. José fazia questão de buscar pessoalmente as frutas para reabastecer o estabelecimento e trazia tudo da capital paulista, em um caminhão que ele próprio dirigia.

O comerciante sempre gostou da ideia de trabalhar com frutas. Apreciava a mistura de cheiros que se formava quando qualidades diferentes eram colocadas juntas. Gostava do sabor de cada uma, e não se importava de passar o dia embalando-as no papel de seda azul que ainda hoje faz muitos adultos voltarem aos seis, sete anos de idade.

Na década de 1970 resolveu inovar: transformou a banca em uma mercearia, a Mercafrutas Rios. A esposa cuidava da casa, mas como o estabelecimento começava a crescer, os filhos ajudavam depois das aulas no antigo Grupo Escolar. Era uma rotina tranquila, e entre o ir e vir dos clientes em meio às caixas de frutas coloridas, ainda sobrava um tempo para correrem pelos corredores do Mercado numa divertida brincadeira.

A Mercafrutas Rios durou dez anos e depois mudou para o ramo de pastelaria.

Depois que José Rios faleceu, passou a ser administrada pelos filhos, em especial por Joaquim Rios Lopes, que aos poucos foi comprando a parte dos irmãos no estabelecimento. O trabalho no Mercadão rendeu a ele muitas amizades duradouras. O comerciante costumava dizer que os permissionários eram como irmãos para ele³⁸.

Joaquim já se aposentou, mas passou a tradição para o filho Márcio, que desde 1986 vem administrando a pastelaria. Mesmo aposentado, gosta de trabalhar aos sábados na pastelaria, quando Márcio vai cumprir o ritual esportivo da semana.

Márcio relembra com emoção o dia em que foi convidado pelo pai para trabalhar definitivamente no estabelecimento da família. A sua irmã até trabalhou por um tempo, mas partiu para a advocacia. Márcio conseguiu seu primeiro emprego no Banco Bradesco, mas, vendo o empenho do garoto em se firmar financeiramente, o pai logo convidou-o a assumir seu posto na pastelaria da família.

É justamente aos sábados que o movimento fica ainda maior, quando pessoas da região passam pelo box para experimentar os diferentes tipos de salgados, especialmente o pastel de carne seca com catupiry. Diz o herdeiro do estabelecimento que até Paulo Maluf, em uma de suas campanhas eleitorais, passou pela Pastelaria Rios e fez questão de fritar pasteis.

Mantendo a fidelidade da aparência original do estabelecimento, mesmo com as reformas necessárias ao longo do tempo, Márcio conservou a cozinha permitindo aos fregueses acompanhar o movimento no preparo dos alimentos. O depósito ganhou um espaço na parte superior e o preparo de sucos e vitaminas também ganhou um local reservado.

Márcio Rios tem funcionários que acordam cedo para deixar tudo em ordem para quando os fregueses chegam. Também acompanha a jornada de trabalho sem se queixar, pois a conversa descontraída com os inúmeros fregueses faz o dia passar de um jeito agradável.

O permissionário conta que já houve intenção da prefeitura em tirar os comerciantes do Mercado, julgando que o prédio dava prejuízos ao cofre municipal. A associação, naquele momento, foi fundamental para garantir a permanência deles no local. Existem um tom de insatisfação na fala de Márcio Rios quanto ao envolvimento do poder público na gestão do Mercado. “Mesmo quando o poder público resolve investir em reformas no prédio, diz ele, os comerciantes avaliam o resultado aquém das expectativas e reais necessidades do prédio”.

Na luta pela preservação do prédio e dos próprios produtos lá estocados, os permissionários, conta Rios, ajudam a investir nas melhorias necessárias, como as comportas, que impedem o avanço das águas em épocas de enchentes, também a limpeza das telhas e pintura do piso. Tudo isso foi feito pelos próprios comerciantes.

Mesmo com a insatisfação manifestada, a família Rios caminha para a quarta geração no Mercado de Ribeirão Preto. O filho de Márcio, Mateus dos Santos Rios, já dá sinais de que vai seguir os passos do pai e do avô. “Ele tem 18 anos e por enquanto está só estudando, mas já me ajudou algumas vezes aqui”, diz com orgulho o comerciante.

37. Conforme entrevista concedida por Márcio Rios aos autores do livro, em 01 de novembro de 2006, gravada em fita cassete, duração 11min 44seg.

38. MIMESSI, Carla. op. cit. p. 5.

Capítulo 6

A Família Massaro

“Eu era bem pequeno, mas já trabalhava aqui com o meu pai”.

Ismael Massaro³⁹

Foto: Adilson Baptista - Sementes Massaro



O tempo correu depressa e já se vai quase um século desde que a família Massaro abriu um pequeno box de sementes, temperos e talhas de barro no Mercado Municipal de Ribeirão Preto, em 1926. De lá pra cá foram muitos anos de luta e sonhos, que hoje fazem da Casa Massaro uma das mais tradicionais do Mercado.

Foi nesse cenário de clientes, ora amistosos, ora exigentes, que cresceu Ismael Massaro, o neto de italianos que agora, aos 70 anos, reconta a história da família no prédio. Ismael é um dos comerciantes mais conhecidos e respeitados do local. Era ainda um menino quando deixou de lado as brincadeiras para ajudar o pai na Casa de Sementes. Suas lembranças vêm de 1948, e muitos episódios ilustram sua infância e juventude nos espaços do Mercado.

O pai de Ismael, Francisco, fundador da Casa Massaro, era um homem à frente do seu tempo. Formou-se Guarda-Livros, o equivalente hoje ao contador, na época era uma profissão equiparada a um doutor, conta Ismael.

Massaro é uma família de italianos que chegou ao Brasil após a abolição da escravidão, junto com outras tantas, para cuidar das fazendas de café. Nessa época o país vivia um boom de imigração e só na primeira década do século XX, Ribeirão Preto recebeu mais de 19 mil novos imigrantes.⁴⁰

Os primeiros anos de trabalho do pai de Ismael foram na lavoura de café, e à medida que foi crescendo, procurava manter-se atualizado. Das muitas lembranças que guarda o proprietário da Casa Massaro, as do pai, são as de maior orgulho. “Seu Chico” como era conhecido, foi um dos primeiros moradores de Ribeirão Preto a ter uma motocicleta e um rádio de galena. Nunca viajou ao exterior,

mas sempre que visitava a capital paulista, fazia questão de trazer novidades. Uma delas foi um telescópio, que trouxe em 1960, com capacidade de mostrar nitidamente as crateras da lua e causar furor em todos os vizinhos que se aventuravam a experimentar o aparelho.

Teatro e literatura eram também as grandes paixões de Francisco Massaro. A família tinha uma casa na Avenida Caramuru, próxima ao centro da cidade, e era nessa casa que “Seu Chico” costumava reunir os vizinhos para assistir a peças que ele mesmo encenava. Mesmo sem as opções atuais de graduação e estudos, o pai de Ismael Massaro era um autodidata, um homem que buscava cultura nas mais diversas fontes.

Uma prova disso foi a biblioteca com aproximadamente quatro mil livros que manteve em sua casa até falecer. Após, a mãe de Ismael tratou de doar o acervo que tinha de tudo, desde literatura espírita até astronomia.

Provavelmente o pai de Ismael tenha sido o primeiro morador de Ribeirão Preto a ter um gramofone, e entre as novidades que trazia de São Paulo estava também um gravador de rolo grande, que Ismael classifica como “uma peça de museu” para os dias atuais, além de um rádio vitrola. Entre as aquisições inovadoras de “Seu Chico”, estava ainda um Fordinho 29, zero quilômetro, que era movido a gasogênio porque, devido à guerra, a gasolina não chegava à cidade.

O atual dono da Casa Massaro enfatiza que o pai foi um dos comerciantes que acompanharam de perto os momentos mais difíceis do Mercado. A enchente de 1927, uma inundação que levou embora o progresso que sua loja já havia conseguido em apenas um ano de existência no Mercado. O incêndio de 1942. Ismael

lembra que “terminado o incêndio ficaram somente algumas paredes inteiras, pois tudo, tudo, tudo foi destruído”.

Depois que o Mercado pegou fogo, muitos permissionários desistiram do comércio e os que insistiram em continuar montaram barraquinhas nas proximidades das ruínas. Mesmo com a tristeza que sentiam ao olhar os escombros do velho prédio, alguns começaram tudo de novo. Assim como as famílias de



Foto interna da rotunda da Mogiana que ficava próxima à antiga Estação Ribeirão Preto, na avenida Jerônimo Gonçalves. Data: década de 1910. Fotógrafo: Aristides Motta. Coleção: Ana Maria Bromberg.

Gentil Marques, Raimundo Labate, Francisco dos Santos, Caetano Caliento, Nadim Hana e Francisco Torrecilha, a de Francisco Massaro também foi à luta.

As barracas eram feitas de vários materiais como madeira, plástico, mas uma que chamava a atenção era uma toda feita de bambu, onde se vendiam frutas. Ismael lembra-se que essa barraca era da família Defina.

Na época do transporte coletivo conhecido como “jardineira”, o centro de Ribeirão era bem diferente do que se vê nos dias atuais. Ismael se recorda bem desse período em que as jardineiras traziam o povo da região para a cidade que se desenvolvia a pleno vapor. E o desenvolvimento chegava pelos trilhos da Companhia Mogiana.

O Mercado Municipal foi construído estrategicamente perto da estação da Mogiana. Aliás, a companhia férrea mantinha uma estrutura imensa nas proximidades do Mercado e da estação, para manutenção e manobras das máquinas. Nessa imensa área de manutenção recuperavam-se trilhos e outros equipamentos, e havia uma oficina só de locomotiva a vapor. Havia também uma área férrea chamada de rotunda, na direção da Rua Lafaiete, onde entravam as locomotivas para os reparos. “Havia sempre oito, nove, dez locomotivas ali, porque a Mogiana era muito grande”.

Ismael Massaro, enquanto personagem da história do Mercado, lembra de Costábile Romano quando ele estava concorrendo à prefeitura de Ribeirão Preto e tinha a reconstrução do Mercado como principal bandeira eleitoral. “Ele venceu a eleição e para cumprir o prometido, as barracas tinham que ir para outro local, a fim de não atrapalhar a obra de construção do Mercado”.

Segundo Ismael Massaro, algumas barracas foram feitas de alvenaria, outras

de madeira. Aquelas de tijolo e cimento eram maioria e tinham portas de madeira, que eram retiradas durante o dia e as frutas eram expostas praticamente na rua.

Por causa do caráter provisório das instalações da Avenida Francisco Junqueira, muitos comerciantes optaram pelas barracas de madeira, conta Massaro. “Quando a gente fala madeira dá a impressão de uma depreciação, e não é. É que naquele momento era o mais prático”.

Bem perto do local onde os comerciantes instalaram-se ficava o prédio da Refinaria Ipiranga, uma grande companhia de açúcar, depois transformado em sede da primeira fábrica de Coca-Cola de Ribeirão, a “Bebidas Ipiranga”. A novidade era o novo refrigerante, distribuído gratuitamente a quem quisesse experimentar.

Entre as lembranças do trabalho à beira do córrego, uma da qual poucos se recordam, era o fato das frutas ficarem expostas sem muita segurança, o que para a época era normal, ou seja, o comerciante apenas cobria as frutas com uma lona no final do expediente e ia embora. Isso facilitava uma ação hoje considerada engraçada, mas que na época chateava os comerciantes. A vulnerabilidade da forma de exposição das melancias e abacaxis permitia que alguns moleques mais bagunceiros atirassem as frutas no córrego para as resgatarem mais abaixo, perto da rotatória Amim Calil.

Quando o novo Mercado ficou pronto, houve até uma certa resistência por parte dos comerciantes que ficaram deslumbrados com o tamanho e a beleza do novo prédio. Segundo Ismael Massaro, as novas instalações abrigariam o triplo do número de comerciantes que trabalhavam na Avenida Francisco Junqueira e isto assustou os comerciantes.

Foi preciso o prefeito Costábile Romano convocar uma reunião com os comerciantes e fixar o prazo de 30 dias para cada um se instalar no novo Mercado, sob ameaça de demolir o prédio se a resistência continuasse. Obviamente, todos se instalaram o mais rápido que puderam no Mercado recém inaugurado.⁴¹

O projeto de Jaime Zeiger dimensionou um espaço em que o açougue, a peixaria, o bar e os hortifruti teriam um box grande, os outros comércios, como os de sementes e alguns tipos de vasos, boxes pequenos. “Na teoria dele, estava certo [...] “lugares pré-determinados para cada tipo de comércio”, explica Ismael Massaro.

O comerciante sempre ajudou o pai nos negócios, e quando este faleceu, assumiu toda a administração da Casa Massaro. Ismael diz não ter estudado por trabalhar desde menino na loja do pai. Refletindo sobre isso nos últimos anos, acredita que a filha dele é quem deve continuar com o estabelecimento, quando o comerciante se “aposentar”. O outro filho já encontrou sua vocação dentro do Mercado e mantém uma já tradicional loja de ração e animais como peixes ornamentais e aves.

Como um dos proprietários de box mais antigos do Mercado, Ismael acompanhou muita coisa nos corredores do prédio. Presenciou a ascensão das vendas na década de 1970 e a crise vivida especialmente nas três décadas seguintes.

As transformações sofridas pelo mercado de varejo com o passar dos anos abalaram de forma significativa as vendas dentro do Mercado. O surgimento de grandes supermercados, a formação de pequenos centros comerciais nos bairros, a instalação de grandes atacadistas na cidade, tudo isso fez com que muitos permissionários do Mercado Municipal chegassem ao extremo de fecharem suas portas.

Ismael concorda que a criação da Acomecerp - Associação dos Comerciantes do Mercado Municipal de Ribeirão Preto, foi importante para reavivar o comércio do local. “O Geraldo Meira Silva foi muito bom pra gente, o Francói e o Rui Salgado também”, relembra o comerciante citando lideranças da Coderp.

Comparando o Mercado de Ribeirão com o de São Paulo, Ismael observa a importância de se melhorar o espaço físico dos prédios e acompanhar a evolução dos produtos e das instalações, sem perder as características originais. Para o comerciante, algumas mudanças são sempre bem vindas. Outras, porém, mais atrapalhariam do que ajudariam na movimentação do Mercado de Ribeirão Preto, como por exemplo a instalação de um posto de atendimento bancário, que chegou a ser proposto, mas a formação de filas nos balcões poderia atrapalhar as vendas dos boxes próximos.

Cuidar do Mercado é uma questão de honra para Ismael Massaro. Trocá-lo por algum outro lugar na cidade? Impossível. O comerciante o considera “o vovô dos Shoppings”, um lugar fascinante, o primeiro coletivo de comerciantes que existiu na cidade. Um espaço onde as pessoas passeiam, compram e sentem calor humano, conversam com quem está no balcão. “No Mercado não há lugar para frieza no atendimento”.

Para o neto de italianos que há tantos anos devota ao Mercado seus dias de trabalho, o prédio “já faz parte da família”. E se depender de Ismael, os Massaro continuarão vivendo dele, por muitas e muitas gerações.

39. Conforme entrevista concedida por Ismael Massaro aos autores do livro em 24 de outubro de 2006, gravada em fita cassete com duração de 34min 10seg.

40. BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Tomaz W. op. cit. p.39.

41. Depoimento de Ismael Massaro.

Capítulo 7



A Família Oliveira

“Por mim e por
minha família,
espero que o Mer-
cado dure para a
eternidade”.

Maurício Duarte de Oliveira⁴²

Dizem que a Família Oliveira é a mais antiga a ter um estabelecimento no Mercado.⁴³ O ramo pode ter mudado, mas a tradição permanece firme desde 1912, e se alguém quiser saber detalhes do prédio, do dia a dia dos boxes, dos altos e baixos pelo qual passou o Mercado em seus 110 anos de história, é só perguntar para os “amigos” do box 127, ali, logo na entrada pela Rua São Sebastião. O box da “Chapelaria Garcia”. Cênio Oliveira foi a 3ª geração de proprietários do box e costumava dizer que “sair do Mercado era o mesmo que perder um ente querido”. Trabalhou no Mercado até pouco antes de falecer, em 2005.

A tradição passou, então, para o filho, Maurício Oliveira. “O meu avô, Almério Serafim de Oliveira, que todo mundo conhecia por ‘Seu Melico’ trabalhava antes do incêndio e meu pai trabalhou com ele desde os sete anos de idade”, conta Maurício que guarda ainda na memória quando o pai e o avô mencionavam que no Mercado comercializava animais vivos, como porcos, galinhas e carneiros. Era também possível encontrar feno sendo vendido nos boxes.⁴⁴

A Família Oliveira sempre foi unida em torno dessa atividade. Começou com um armazém de Secos e Molhados e uma tabacaria e sempre trabalhou junta. Coisas que “Seu Melico” fazia questão de incentivar. “Nós éramos todos pequenininhos, entre 10, 11 anos quando o meu avô começou a contar essa história. E ele falou que o Mercado era daquele jeito, todo de tábua. Muita gente perdeu muita coisa aqui”, lembra o permissionário.

Depois do incêndio de 1942 a família resolveu deixar o ramo da tabacaria para investir só no armazém.⁴⁵ Quando “Seu Melico” faleceu, aos 86 anos, o comércio passou pelas mãos dos filhos e na década de 1970 ficou sob a responsabilidade definitiva do pai de Maurício.

Com o advento dos grandes supermercados as vendas no armazém despencaram e Cênio Oliveira não via mais futuro em continuar com o ramo de grãos e sementes. Havia desanimado e não tinha mais perspectiva de continuar com o comércio no prédio. O desânimo levou o comerciante aos jogos de baralho, e a cada dia os negócios da família tornavam-se mais difíceis. Não fosse a interferência do filho Maurício, que cresceu vendo o pai trabalhar no Mercado, e da nora Elaine, teria perdido tudo, e o Mercado perderia uma de suas famílias fundadoras.

Maurício tinha olhar empreendedor e percebia o interesse dos ribeirão-pretanos pelo “mundo country”, acreditando que na cidade não havia ainda um comércio específico para atendê-lo. Não teve dúvida: deveria retomar os velhos tempos da tabacaria e incrementá-la com uma chapelaria, complementando-a com jeans, bonés e camisas.

O pai dele, já cansado, dizia “eu lavo minhas mãos e deixo agora os negócios nas suas”. Na época, o único box que os Oliveira ocupavam ficava onde hoje funciona a Casa Marques. Era um espaço bem pequeno.

Como o tio de Maurício já tinha um barzinho no Mercado, resolveram fazer sociedade. “Compramos o box do Zé do Queijo, que era do lado do que meu tio tinha. Aí então deu certo, porque foi só estourar a parede e aumentar a loja”, lembra o comerciante.

Mas para ajudar Cênio e dar início ao novo ramo, teve que ir à luta. “Eu nunca fui de estudar muito, mas sempre tive muita amizade com o pessoal das fazendas porque participo de provas com cavalo” diz Maurício, que não perdeu tempo: tratou de conversar pessoalmente com os peões que conhecia, descobriu o que gostavam de vestir, o boné que mais apreciavam, e assim foi o início da bela história da Chapelaria Garcia no Mercado de Ribeirão.

Maurício e a esposa Elaine viajaram muito para Presidente Prudente e para o estado do Paraná, a fim de trazer o que havia de melhor no segmento que haviam escolhido. Iam pessoalmente negociar com os fabricantes. O permissionário diz que os fabricantes da Pralana (marca de chapéu) ajudaram muito nesse período. “A gente vende Pralana até hoje. Só vende essa marca. É uma forma de agradecer ao pessoal que nos ajudou.

E a Chapelaria já está no seu oitavo ano de atividades. Depois da morte de Cênio em 2005, a parte da sociedade que lhe cabia passou definitivamente para Maurício. Ele explica que o nome “Chapelaria Garcia” foi tirado do sobrenome do sócio e tio dele, Walter Garcia Duarte. “Meu tio também não é bobo, sabia que a loja tinha tudo pra dar certo”, recorda.

O comerciante afirma que na loja já passaram cantores famosos, e que festas regionais como a Agrishow e do Peão de Barretos multiplicam as vendas na Chapelaria, dando uma “clareada” no orçamento. A divulgação pela mídia regional também ajuda muito, mas na Chapelaria ninguém abre mão da propaganda boca a boca, cultivada todos os dias através do gentil atendimento nos balcões.

Segundo ele, o Mercadão de Ribeirão Preto é bem conhecido, todo mundo quer experimentar o pastel que se vende no lugar, e quando querem chapéu, sempre tem um amigo ou conhecido que diz “na Chapelaria Garcia tem”. O estabelecimento tem clientela ilustre também. Os sertanejos Gino e Geno, Juliano César, Edson (e seu ex parceiro Hudson) frequentam a loja desde que ainda nem tinham alcançado a fama. Ney Matogrosso também sempre compra um chapéu por lá, quando vem a Ribeirão Preto.

A rotina de Maurício mudou muito desde a morte do pai. Agora não pode nem

pensar em faltar do trabalho ou chegar mais tarde, como fazia “em dias mais parados”. Chega às sete da manhã e vai embora só quando o dia já foi embora. Uma única exceção é quando vai levar a filha Gabriela, a Bibi, na escola. A pequena, mesmo ainda em idade escolar, gosta de ajudar na loja, dando ares de que vai manter a tradição dos Oliveira no Mercado.

A esperança do comerciante é que a tradição dure para a eternidade. Ele, que parou os estudos na 8ª série para trabalhar no box, sabe bem a importância do Mercado como fonte de sustento para as famílias dos comerciantes. “Não dá para comprar fazenda, ou ficar rico, mas não falta amor nem esperança de futuro melhor minha filha. Se não tiver casa, dá pra pagar pelo menos um bom aluguel.”

O comerciante gostaria que o mesmo carinho e preocupação que a família Oliveira tem com o Mercado há mais de um século de história, tivessem também líderes públicos de Ribeirão Preto, mágoa que divide com outros comerciantes antigos do local. Para Mauricio, as administrações de Welson Gasparini foram positivas para o Mercado, o prefeito, enfatiza ele, sempre destinou atenção ao Mercado.

Aborrecido, o comerciante diz que talvez algumas lideranças de Ribeirão Preto, tenham vontade de acabar com o velho prédio. Mas garante: não há força no mundo que acabe com a beleza e a importância que o Mercado Municipal tem na vida de quem trabalha nele.⁴⁶

42. Conforme entrevista concedida por Maurício Duarte de Oliveira aos autores do livro, em 03 de novembro de 2006, gravada em fita cassete, com duração de 18 minutos e 05 segundos.

43. MIMESSI, Carla. op. cit. p. 3.

44. O feno é uma espécie de erva seca, usada como alimento para animais.

45. MIMESSI, Carla. op. cit. p. 3.

46. Depoimento de Maurício Duarte de Oliveira.

Capítulo 8

De volta ao Mercado

“O sentimento que a gente tem é um sentimento de gratidão, de amor pelo Mercado”.

Luis Guilherme Marques⁴⁷



Foto: Adilson Baptista

Já faz muito tempo. Época em que ainda se tinha infância. Tempos bons, que hoje estão mais vivos, mais coloridos no pensamento de quem voltou ao lugar onde eles aconteceram. Luis Guilherme Marques foi trabalhar no Mercado quando ainda era pequeno. Igual a outros filhos de comerciantes do Mercado, saía do Grupo Escolar direto para o box do pai, o permissionário Mário Marques. Lá, ajudava a lidar com os mantimentos do cotidiano: entre outras coisas, arroz, feijão, açúcar, fubá e amendoim com casca.

Alguns clientes eram mais exigentes. Gostavam de receber a mercadoria em casa. O menino ajudava o pai com as entregas em outros estabelecimentos comerciais e em casas de família na Avenida Francisco Junqueira e não era um serviço fácil. Usava-se uma espécie de carrocinha de madeira, puxada por cavalo, ou por ele mesmo. A bicicleta com bagageiro só apareceu muito tempo depois.

Quando não se tinha muita pressa com a hora da entrega, ainda dava tempo de almoçar a “marmitinha” que a mãe lhe preparava para ser saboreada nos fundos do box, mas se ela esfriasse também não era tão ruim assim: havia o picadinho de carne do “Sô Chico”, ali, no box vizinho do Armazém Marques.

Guilherme ficava até feliz quando isso acontecia porque podia também comprar do restaurante vizinho uma Douradinha, refrigerante feito pela cervejaria São Domingos, que ficava na Rua São Paulo aqui em Ribeirão, depois parou de ser fabricada. O sabor era tão bom que despertou interesse da Coca-Cola em comprar a fórmula. Os proprietários não venderam e a Douradinha desapareceu e deixou saudade.

Mas, para tomar o refrigerante havia um jeito todo especial: o menino furava a Douradinha com um prego, depois jogava açúcar, e isso criava uma pressão danada. A molecada achava aquilo engraçado, e há quem diga até que fazia bem para os rins.

O pai de Guilherme era comerciante no Mercado em 1936 e tirava todo o sustento dos 26 filhos e da esposa com as vendas do armazém. Não havia luxo, mas isso também não fazia diferença. O que valia era o coração.

A família sofreu perdas quando o prédio pegou fogo. Eles também viveram as dificuldades de se trabalhar no prédio no período da Segunda Guerra Mundial, quando foram impostas condições para o comércio no Mercado: havia uma cota para ser vendida diariamente, e não se podia ultrapassar uma determinada quantidade de comida aos consumidores.

Por ter um pouco mais de recursos, o pai de Guilherme certa vez vendeu mais do que o permitido, já que algumas famílias com muitos filhos precisavam de um volume maior de alimentos. A bondade de “Seu Mário” resultou em denúncia, e ele ficou preso três dias por quebrar a regra.

Mais uma vez a união dos comerciantes mudou o rumo da história. Eles se mobilizaram, e unidos, foram à delegacia pedir a liberdade do amigo. Guilherme lembra que o pai saiu da prisão como um herói, e não como um malandro, porque ele tinha fornecido a mais, não por ganância, mas por ver a necessidade daquelas famílias.

O tempo passou. Mário Marques fechou o armazém em 1950 e se tornou Representante Comercial, levando o menino e um dos seus irmãos, ambos já crescidos, para trabalharem com ele. Guilherme lembra bem desse período.

Longe do Mercado a família não teve nada. “Seu Mário” vendia banha vegetal, chapéu de palha, fósforo, e um monte de mercadorias de primeira necessidade, mas nunca à altura do que vendia quando tinha estabelecimento no prédio.

Quando faleceu, em 07 de novembro de 1968, Guilherme assumiu os negócios da família. A vida dava seus primeiros sinais de outono, quando ele, cansado de

viajar, de acordar de madrugada para enfrentar os perigos da estrada até Ituiutaba, e sentindo o peso de muitos anos de trabalho, decidiu: era hora de voltar ao Mercado. Sentia saudades da tranquilidade do lugar e do clima de família que até hoje é referência cultural do velho prédio.

Guilherme abriu no Mercado uma empresa do mesmo ramo que o pai possuía: um armazém de Secos e Molhados, e com a ajuda da esposa, que segundo ele é ótima comerciante, vai tocando a vida no compasso do lugar. As coisas no estabelecimento foram se ajeitando aos poucos. Como não havia dinheiro para investir em tudo de uma vez, Guilherme Marques vendeu uma perua Palio Weekend, de seis marchas, para pôr mercadoria no Armazém.

O comerciante esteve longe do prédio por muitos anos. Hoje já é um senhor de voz um pouco cansada, muitas lembranças e uma gratidão sem fim pelo prédio centenário no qual passou quase toda a infância. Segundo ele, o sentimento que fica é o de amor mesmo, porque é o amor que faz com que o Mercado continue firme, e seus permissionários continuem entregando mercadorias e vida para quem está do lado de fora do balcão.

Para o permissionário, quando o trabalho é feito com amor, vale a pena, e tudo dá certo. “Meu pai sustentou naquela época 26 filhos. Então foi uma dedicação total do meu pai, da minha mãe. Isso aqui me traz muitas recordações boas, algumas nem tanto assim, mas as boas são muito mais do que as ruins”, lembra, com muita emoção, em sinal de carinho e respeito com o Mercado Municipal de Ribeirão Preto.

47. Conforme entrevista de Luis Guilherme Marques concedida aos autores do livro em 03 de novembro de 2006 e gravada em fita cassete com duração de 12 minutos 39 segundos.

Capítulo 9

O Mercado quando se era criança

“Quando pegou fogo no Mercado eu fiquei contente.
Pensei: não vou trabalhar mais”.

Waldemar Farinha⁴⁸



Mercado Municipal, barracas construídas do local do antigo mercado, em ruínas. Vista a partir da Av. Jerônimo Gonçalves do trecho entre a antiga Praça Coronel Joaquim da Cunha e Rua José Bonifácio. Data: s/d. Fotógrafo: não identificado. APHRP

Quem conversa com Waldemar Farinha pela primeira vez, de cara já percebe sua principal característica: o bom humor. Sua história com o Mercado começou há muito tempo. “Seu Waldemar”, um senhor de voz rouca que gosta de conversar e divertir as pessoas acredita ser a única testemunha viva que trabalhou no prédio antes do incêndio de 1942.

Na época em que começou trabalhar por lá tinha somente nove anos. Recorda que era comum que as famílias com algum parente comerciante, mandassem seus filhos pequenos para aprenderem um ofício. Ele diz que os tempos eram outros, e os pais chegavam a pagar para que os donos dos estabelecimentos deixassem as crianças trabalharem no local. “Não era como hoje, que quando alguém vai ser contratado logo pergunta se vai ter que trabalhar de sábado ou de domingo”, diz.

No caso dele, o trabalho se resumia a encher sacos de sementes na Casa Massaro, estabelecimento dentro do Mercado e que pertencia ao seu tio, Francisco Massaro. Ganhou carteira assinada na empresa familiar em 1942. Sorte, diz ele, porque no Mercado tinha muita gente que trabalhava desde criança, sem registro.

Os anos não apagaram de “Seu Waldemar” os detalhes da arquitetura do antigo Mercado. Segundo ele, o primeiro Mercado de Ribeirão Preto tinha o chão de cimento e as paredes pintadas de amarelo. “A organização era pobre. Com o raciocínio que nós temos hoje, cinquenta anos depois, eu considero que era pobre. Mas era a coisa boa da época, então, nós não podemos fazer comparação”.

“Seu Waldemar” começou a trabalhar no prédio em agosto daquele ano. Além de empacotar as sementes, também era sua função pedir tinta para caneta de pena no escritório de contabilidade da Família Pileggi, que ficava dentro do Mercado.

Caneta de mão não existia ainda, e como o tio não comprava a tinta para repor, o menino ia buscar um vidrinho com o Tomás, um parente que trabalhava no escritório.

Na casa de sementes ficaram três dias sem escrever, porque, além de não ter tinta, não havia mais o vidro para ser enchido. O menino Waldemar, na peculiar festa que as crianças fazem, ria e gostava da situação. O primo dele, Ismael Massaro, hoje dono da casa de sementes, explica que os pais colocavam os filhos para trabalharem quando ainda eram crianças também por dois motivos: porque o pouco que se ganhava ajudava nas despesas da casa, e porque o trabalho evitava que ficassem na rua depois que as aulas do “Grupo” terminavam. “Não era como hoje, que criança não pode. Era comum os parentes, sempre que tinham um moleque, mandavam ele lá para encher sacos de sementes”, lembra Massaro.⁴⁹

Mas o garoto Waldemar, na época, não gostava nada disso. Fazia-o por obediência aos pais. Para ele foi um alívio o Mercado ter pegado fogo apenas um mês depois de ter começado a trabalhar no prédio. Ingenuidade transformada depois em desespero, frente à realidade que os adultos enfrentaram e lhe mostraram.

Com a alma infantil, capaz de ver o belo no trágico, o menino pensou “Não vou trabalhar mais, que bom! Queimou, tá ótimo”. Depois, ao ver o choro de quem perdeu uma vida toda de trabalho naquela noite, chorou também. Tiveram que começar do zero, e pensaram até mesmo em pedir esmolas.

“Seu Waldemar” se recorda bem dos primeiros meses de trabalho depois do incêndio. Uma pequena parte do que vendiam foi aproveitada. Era cera de abelha, que derreteu e formou um grande monte no chão. Junto com os Massaro, o menino recolheu a cera e ajudou nos dias seguintes a fazer a recuperação.

Os Pileggi cederam uma pequena sala onde a mercadoria recuperada foi colocada, e com a venda, “já fizeram um certo dinheiro”. Ficaram de oito meses a um ano na pequena sala. Foi quando começou a se cogitar a ideia de voltar para o Mercado que queimou.

Comercializaram as sementes, as talhas de barro e os temperos ali, próximos ao que sobrou do prédio, por cerca de 14 anos. Antes mesmo que Costábile Romano, a quem chamavam de “homem bravo e com vozeirão”, anunciar que iria cumprir a promessa e reconstruir o Mercado, “Seu Waldemar” se encantou com uma outra profissão: a de feirante. Isso foi por volta de 1953, desanimados com as vendas nas ruínas do Mercado, muitos comerciantes aderiram às feiras itinerantes, que levavam os produtos para mais perto dos consumidores. Nascia o Mercado ambulante na cidade.

A primeira feira foi na Praça Tiradentes, na Rua Sete de Setembro, aos domingos. Aos sábados havia outra, nas proximidades da igreja Santo Antônio. A mesma que existe até hoje. Lembra-se senhor Waldemar Farinha que depois de alguns anos, outras começaram: de quarta-feira na Vila Virgínia, quinta-feira na Vila Tibério. E de segunda-feira, o dia que sobrava, o feirantes iam vender na Dom Pedro II.

Waldemar Farinha foi, inclusive, o fundador do Sindicato dos Feirantes de Ribeirão Preto. O menino, que na inocência dos nove anos de idade chegou a alegrar-se com o incêndio no Mercado, hoje, aos 77, reconhece a importância que o local teve para sua formação. Já não exerce a profissão de feirante, pois a aposentadoria chegou, dando a ele o direito de preocupar-se apenas com os jogos de Bocha. Quando criança, achava que ainda não estava na hora de começar a trabalhar. Hoje, quando pode gozar de uma velhice tranquila, nota-se totalmente envolvido nas lembranças dos dias de trabalho na Casa Massaro, e afirma: “tudo o que existe na vida é como uma roda, vai e volta, é cíclico, pode prestar atenção”.

48. Conforme entrevista de Waldemar Farinha concedida aos autores do relatório em 02 de novembro de 2006, e gravada em fita cassete com duração de 96min e 43seg.

49. Depoimento de Ismael Massaro.

Capítulo 10

O Mercado hoje

A Associação dos Comerciantes do Mercado Municipal de Ribeirão Preto foi fundada em 5 de dezembro de 1985. Até o ano 2000 a Acomecerp era administrada por permissionários e não apresentava resultados muito positivos, de acordo com a avaliação de alguns, pois cada um defendia apenas seu próprio negócio. Depois dessa experiência, os comerciantes convocaram uma eleição e contrataram um gerente próprio para o prédio.

Vários comerciantes presidiram-na ao longo dos anos, sendo que o dono da Chape-laria Pean, Toninho, foi o primeiro e ficou no cargo por duas gestões consecutivas.

Hoje, para ajudar os permissionários, a Associação conta com a disponibilidade de José Roberto Cunha que desde o dia 3 de dezembro de 2007, é o gerente administrativo da Acomecerp.

O início das pesquisas para a elaboração deste livro contou com a disponibilidade do ex-administrador do Mercado, José Cassemiro dos Santos, que também tem muita história para contar. Ele, que nasceu em Guará, criou-se em Morro Agudo e está em Ribeirão Preto desde 1975, lembra que para o trabalho no local, foi preciso aprender a lidar, com carinho e respeito, com todas as classes de pessoas para não ceder a pressões. Como gerente, teve ainda que resolver alguns problemas externos que influenciavam diretamente no trabalho: os vendedores de mercadorias “pirateadas”, os pedintes, os menores infratores e até prostitutas que ficavam nas áreas próxi-

mas e entravam no Mercado em busca de clientes.

Para ele, gerenciar o Mercado é algo que “requer anos de dedicação, luta e carinho pelo prédio e pelos comerciantes, coisas que o dinheiro não ensina, mas o dia a dia sim”. Os 4.150 metros do local resistem firmemente desde 1958. Atualmente o Mercado conta com 168 boxes onde trabalham 65 permissionários que pagam mensalmente um valor referente ao condomínio e ao aluguel.

O atual administrador nomeado pela diretoria da Acomecerp, José Roberto Cunha, é permissionário no ramo de perfumaria e roupas, mas deixou a loja a cargo da esposa para se dedicar inteiramente ao Mercado. Natural de Lins – SP, já morou em Brasília, São Paulo e Belo Horizonte, para depois criar raízes em Ribeirão Preto. Antes de ocupar os boxes do Mercado, teve comércio do mesmo ramo na rodoviária da cidade.

Ele cita a necessidade de troca do piso do Mercado Municipal como a necessidade mais urgente do local, o que deve proporcionar um ambiente mais moderno, tomando cuidado para não afetar demais as suas características rústicas. Cunha entende que isso atrairia mais turistas, num momento em que a cidade se firma no cenário nacional como um pólo de atração de visitantes através dos seus inúmeros eventos de negócios e entretenimento.

Está nos planos do novo administrador a instalação de câmeras de segurança, com a possibilidade de se disponibilizar imagens para serem acessadas no site do Mercado. Os boxes são cedidos por permissão honrosa, e as transferências, permitidas dentro de regras fixadas pela Coderp e Prefeitura Municipal, de uma forma que não permita a descaracterização do local. De acordo com a Coderp, qualquer transferência só é autorizada se o permissionário estiver adimplente com a empresa e com a Acomecerp.

Os comerciantes mantêm viva a tradição de comercializar grãos, hortaliças, queijos e peixes, além de relógios, sapatos e ferramentas. Os tecidos vendidos nos primórdios

da construção deram lugar às roupas e produtos eletrônicos, mas o local mantém ainda seu status de feira livre.

Os comerciantes do Mercado orgulham-se de vender produtos que não são encontrados em nenhum outro local da cidade, como o balde adaptado para ser usado como chuveiro, moinho e torrador de café.

E quem não se lembra do antigo “escovão” de dar brilho no chão encerado? E dos urinóis, esmaltados na cor branca e com a borda preta, usados há décadas por quem não tinha banheiro dentro da casa? No box Nossa Senhora Aparecida, do Senhor Hugo Nociolini, o freguês ainda encontra tudo isso com facilidade.

A centenária edificação completou 110 anos em 28 de setembro de 2010, mas não se pode dizer que é ultrapassada. Seus corredores hoje contam com climatizadores de ar para minimizar o calor de Ribeirão Preto, e, de acordo com a Acomercerp, está em andamento o processo de instalação de quiosques com acesso à Internet para os clientes. Tudo sendo pensado e realizado pela força que une os profissionais que lá trabalham.

Concluindo agora este livro, temos a certeza de que os personagens que compõem o cenário do Mercado de Ribeirão Preto singularizam e humanizam o prédio. Através deles, o local pode ser visto não só como um marco cultural, um centro de comércio ou um lugar para se visitar esporadicamente, mas um lugar que borbulha vida.

Conclui-se também que quando um permissionário entrega um pastel, um vaso de cerâmica, um pacote de sementes a um cliente, ao estender a mão, esse comerciante oferece mais do que uma mercadoria: oferece toda uma vida de dedicação e o que acredita ter de melhor na sua própria história, para que esse cliente volte e o Mercado nunca se acabe.

O que esperamos agora é que esse livro sirva de ajuda a futuros pesquisadores do tema, e que contribua para a valorização cultural e histórica desse prédio centenário.

Bibliografia

1.Trabalhos acadêmicos:

CASTRO, Meire Cristina de.O Trabalho Ambulante no complexo cafeeiro: Ribeirão Preto (1950-1960). 2000.158f. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp. Franca.

MEIRELLES, Cristine et al. Resgate Histórico do Mercado Municipal de Ribeirão Preto. 2000. Monografia (Comunicação Social). Unaerp. Ribeirão Preto

2.Livros:

ARRUDA, José Jobson de A. História Moderna e Contemporânea. ed. 24.São Paulo, SP. Ática.

BARBOSA, Aguinaldo de Sousa; WALKER, Thomas W. Dos Coronéis à Metrópole, fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX. Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. Memória – As Legislaturas Municipais de 1874 a 2004. Ribeirão Preto, SP, 2004.

CIONE. Rubem. História de Ribeirão Preto. ed. 1. vol. 5. Ribeirão Preto, SP: Summa Legis, 1992.

3.Meios eletrônicos:

CORONELISMO.Disponível em: <<http://www.wikipedia.com.br>> acesso em 14 de junho de 2006, às 09h11.

ENCICLOPÉDIA Digital Estadão 2005. Estadão: é muito mais vida num jornal. 2005.

<<http://www.der.sp.gov.br>>, acessado em 03 de outubro de 2006 às 15h38.

<<http://www.mercadaoderibeiraopreto.com.br>>, acessado em 21 de outubro de 2010, às 17h31

Coleção Identidades Culturais

ISBN 9 788562 852077
9 788562 852077



Apoio



Realização

Secretaria da
CULTURA

